

O lubrificante que faltava

Rionil deve mudar muito sob a gestão de um controlador interessado no negócio

Sá do aluguel para a casa própria". Exultante, Alain Besse sintetiza assim a guinada que lhe aconteceu na curva dos 60 anos. Com pelo menos 12 anos de milhagem, como executivo, no segmento de policloreto de vinila (PVC), ele surge agora nas vestes de dono do negócio, ao adquirir o controle da **Rionil**, referência em compostos vinílicos para terceiros.

Para a Rionil, a entrada de Besse no comando pode ser um ansiada virada de página, na iminência de completar 30 anos em 2008. Desde o início atuante em compostos em pó e há 25 anos produzindo os tipos granulados, essa componedora com fábrica em Duque de Caxias (RJ) acumula 15 anos sem receber investimentos, situa o novo empresário. Essa paralisia, explica, decorre da intenção irredutível dos acionistas anteriores de passar adiante o negócio. Besse alinha como os sócios originais da empresa a **Shell**, que vendeu sua participação à **Atofina** e esta à **ARKEMA**, e a brasileira **CPC**, incorporada à **Braskem**. Na foto mais recente, o controle da Rionil era repartido entre 33% para a Braskem e 67% para a francesa Arkema, cuja operação no Brasil era presidida por Besse — um seus encargos era gerir a componedora no Rio. A Braskem, ele repassa, se predisponha a vender sua participação sob justificativas como a disputa com clientes do PVC que produz e a Arkema,



Besse: retorno do investimento em três anos.

por seu turno, resolvera desfazer-se da Rionil em sintonia com a estratégia de concentrar-se, mundialmente, em plantas aceitavelmente rentáveis. "De 13 fábricas de compostos de PVC, a Arkema conta hoje com oito", ilustra Besse.

Incumbido de oferecer a Rionil ao mercado, Besse rastreou, em tentativas anteriores de venda, em torno de cinco potenciais interessados. Como nenhuma dessas articulações vingou, em razão do preço delimitado, ele arriscou uma tacada. Propôs em outubro de 2006 comprar a Rionil mediante pagamento com o resultado de suas vendas. Quase um ano depois, em 14 de setembro último, a transação era formalizada. "Espero o

retorno do investimento em três anos", dimensiona Besse sem abrir o montante em jogo.

Apesar da crônica superoferta no segmento de compostos vinílicos para terceiros, Besse foi tentado a investir na Rionil com base no desempenho da empresa, mesmo tropeçando na defasagem tecnológica. "Até hoje, ela deu prejuízo apenas em 2003, devido ao impacto do real desvalorizado sobre o custo dos insumos importados", atribui.

No momento, ele projeta, a capacidade brasileira de PVC aditivado para terceiros é puxada por seis componentes significativos, Rionil inclusa, e se aproxima de 366.000 t/a. Apenas a líder **Karina**, distingue Besse, exhibe potencial produtivo da ordem de 200.000 t/a. Na mesma trilha, insere, a Rionil comparece com capacidade estimada em 10.000 t/a de compostos granulados. Na seara dos tipos em pó, ele situa o potencial da sua empresa em 20.000 t/a. "O consumo brasileiro de compostos de PVC para terceiros deve fechar 2007 na faixa de 250.000 toneladas, inclusas 24.000 de importações, em especial da Argentina", assinala, repartindo o movimento entre compostos para flexíveis, com fatia de 200-225.000 toneladas, e para rígidos, com as 25-30.000 restantes.

Em meio ao descompasso entre capacidade e oferta, a Rionil já se mexe rumo à volta por cima, estimulada também

por 120 clientes ativos em carteira, calcula Besse. A empresa marcou época no Brasil como benchmark em compostos vinílicos para frascos soprados e foi apanhada no contrapé quando o vinil foi chicleado nesse nicho pelos polietilenos e PET. Para ajustar-se a uma realidade de retraimento de PVC em embalagens, na mão oposta de seu predomínio em materiais de construção, Besse explica que uma parcela arredondada em 50% das vendas da Rionil hoje é tomada por compostos para sopro, seguidas por um naco de 35% para filmes e 15% para flexíveis como fios, cabos, mangueiras e selantes. No embalo, o dirigente anuncia, como parte vital no esforço de apurar a qualidade e rechaçar a defasagem da planta, a compra na K'2007 de uma extrusora dupla rosca da italiana **Bausano**. "Somada às três linhas **Reiffenhäuser** em atividade, ela ampliará a capacidade de compostos granulados para 16.000 toneladas em 2008", adianta o industrial, sem intenção por ora de alterar o potencial para compostos



Flexíveis: maior mercado de compostos de PVC.

em pó, a cargo de três moinhos da alemã **Papenmeyer**.

Além da nova extrusora, os ases na manga de Besse para injetar sangue bom na Rionil incluem a recente compra do pacote de formulações atualizadas e assistência técnica da Arkema. Pelos seus cálculos, o banco de formulações da Rionil hoje aloja 80 tipos consolidados e, em média, oito versões de compostos desenvolvidas a pedido por mês.

Apesar do terreno cedido por PVC em embalagens, encolhimento aliás mundial, Besse justifica a compra da Rionil com as oportunidades entrevistas para o vinil em novas aplicações, passíveis inclusive de ganhar vulto no Brasil. Ele exemplifica com duas investidas em ascensão gradual no setor automotivo internacional. "Compostos brancos têm chance de deslocar borrachas dos frisos de janelas de carros e PVC também pode firmar-se no revestimento (slush) de painéis de instrumentos multicamada, integrados por materiais como poliuretano", confia Besse. •